

Aula A

Texto 1

Meia bola e força

Era uma vez uma equipa de futebol que era tão pobre, tão pobre, que o seu campo, além de não ser relvado, só tinha metade do comprimento. Essa limitação de espaço levantava, como é natural, vários problemas, sobretudo porque estava à porta de um jogo importante. Como poderiam vinte e dois jogadores mais a equipa de arbitragem trabalhar num espaço tão pequeno?

Houve quem admitisse a possibilidade de não se realizar o jogo, mas isso não seria bom para nenhuma das equipas e muito menos para o andamento da taça. Os responsáveis dos dois clubes decidiram assim que o jogo deveria ser disputado, acontecesse o que acontecesse, tanto mais que já havia bilhetes vendidos. O melhor, como o campo era muito pequeno, teria sido vender apenas meios bilhetes e não bilhetes inteiros. Mas isso a lei não permitia que acontecesse.

Foi então que o presidente do pequeno clube, que tinha um campo só com metade do comprimento, apresentou estas duas hipóteses ao seu colega:

- Ou pomos só cinco ou seis jogadores em acção de cada lado, ou então jogam os vinte e dois e rematam só para cada uma das balizas.

- Eu acho – argumentou o outro – que nem uma coisa nem outra é possível, mas o importante é que o jogo seja feito, porque o público não pode sair daqui decepcionado.

As negociações entre os dois dirigentes dos clubes duraram várias horas e, quando acabaram, os jornalistas já estavam a dormir no exterior da sala, cansados de tanta conversa e de tanta espera. Como não conseguiram chegar a um acordo, decidiram que o jogo seria feito só com a marcação de *penaltis* e com vinte minutos para cada uma das equipas mostrar, com os toques na bola, as suas qualidades técnicas.

- Mas isso é tudo menos um jogo! – exclamou o presidente do clube visitante.

- Pois é, mas só com metade do campo é o que se pode arranjar – declarou o seu colega de presidência.

Foi então que o sócio mais antigo do pequeno clube, que tinha um pequeno campo e uma grande vontade de jogar, decidiu avançar com uma sugestão que lhe pareceu bastante aceitável:

- Por que não fazemos o jogo só com meia bola e vendemos este projecto aos americanos como uma nova modalidade desportiva? Eles de certeza que pegam nela. Desde que dê lucro, não hesitam.

- É capaz de não ser má ideia de todo – admitiu o presidente do primeiro clube.

- Não custa nada tentar – disse o outro, que se apressou, contudo, a deixar esta interrogação no ar:

- Mas, se a ideia pegar, não poderemos chamar-lhe futebol. Temos que lhe dar outro nome. E qual há-de ser?

Aí o sócio mais antigo do pequeno clube que tinha um pequeno clube que tinha um pequeno campo e que tinha uma grande vontade de jogar, sugeriu:

- Podemos chamar-lhe Meia Bola e Força e pode ser que pegue.

Não se sabe se o jogo chegou ou não a ser realizado, o que se sabe é que a metade de um campo deve corresponder uma meia bola, um meio apito e uma meia bancada. Depois, quanto ao resto meia bola e força!

LETRIA, José Jorge (2002). *Histórias de ir à bola*. Porto: Âmbar, pp. 21-22.

Texto 2

Bola há só uma

Naquela tarde de domingo, com o sol a pique, obrigando as pessoas, a resguardarem o toutiço com os chapéus de folha de jornal e almofadas, ninguém conseguia perceber por que razão os avançados da equipa da casa falhavam sempre a baliza do adversário. Mas a verdade é que isso estava mesmo a acontecer, para vergonha de toda a massa associativa.

Vinha um avançado, habilidoso e veloz, com a bola bem controlada e zás, rematava ao lado. Vinha depois um ponta de lança com o golo já praticamente feito e atirava, inexplicavelmente, por cima da barra.

- Mas o que é que está a acontecer? Isto é uma vergonha! – exclamou o treinador, esperando pelo intervalo para dar uma valente reprimenda nos seus jogadores.

Quando o árbitro, com uma apitadela, mandou os jogadores para os balneários, ao fim dos primeiros quarenta e cinco minutos, a primeira coisa que o treinador, furibundo, disse aos jogadores foi:

- Vocês são a vergonha da minha cara! Expliquem-me por favor por que é que isto está a acontecer.

A resposta veio de Zé Maria Bonifrate, um brasileiro filho de portugueses e primo de jugoslavos, que não hesitou em avançar com a seguinte explicação:

- Ó mister, o clube é pobrezinho, não tem bolas de reserva e tem salários em atraso. Portanto, como a rede da baliza tem um grande buraco, a gente evita rematar porque se ela passa pelo buraco, em caso de golo, vai para as mãos dos espectadores que a levam para casa e assim acaba logo o jogo. Portanto, sempre é melhor rematar ao lado ou por cima da barra. Pelo menos o jogo sempre continua. É que bola só temos esta!

LETRIA, José Jorge (2002). *Histórias de ir à bola*. Porto: Ambar, p.23.

Texto 3

Toca a ver os golos!

Certa vez, durante uma eliminatória da taça, uma das melhores equipas nacionais recebeu, no seu campo, a visita de uma pequena equipa da terceira divisão.

Para essa pequena equipa e para a população da terra de onde vinha, esse foi um extraordinário dia de festa. Tão grande foi a festa que se organizaram excursões, fizeram-se cachecóis com as cores da equipa e até o presidente da Junta de Freguesia mandou pôr bandeiras do clube em todos os edifícios públicos. Nunca, na história do clube, tinha havido um dia tão glorioso, independentemente do resultado que se conseguisse alcançar, perder ou ganhar pouco interessava. O importante era o facto de se vir jogar à capital, no estádio de uma das maiores equipas nacionais, daquelas que já não têm salas para guardar tantas taças e tantas medalhas conquistadas em vários continentes.

Nessa tarde de domingo, o jogo começou em grande ambiente de festa. O árbitro esfregou as mãos de contente e disse para os colegas:

- Hoje nem deve haver problema, pois parece que está tudo disposto a colaborar para que o jogo seja um grande espectáculo. Nem pancadaria deve haver nas bancadas.

- Assim o esperamos – responderam os outros a uma só voz, para dar a ideia da unidade que deve sempre existir nas equipas de arbitragem.

De facto, conforme as previsões, tudo decorreu sem problemas até que, perto de oito minutos da primeira parte, foi marcado um livre contra a equipa visitante.

Ao ouvirem o apito do árbitro, os jogadores apressaram-se a formar a barreira defensiva à distância regulamentar da bola e da baliza. Mas foi aí que o árbitro se deu conta de que havia uma situação irregular. Os jogadores visitantes estavam todos de costas viradas para a bola e não de frente, como a lei exige.

Aí, chamou o capitão da equipa e disse-lhe:

- Ó meu amigo, então você não conhece as regras?

- Conheço sim senhor – respondeu, com convicção, o capitão, muito orgulhoso da braçadeira que o identificava como chefe do grupo.

- Então se conhece – contrapôs o árbitro – explique-me por que razão estão os jogadores de costas viradas para a bola e não de frente para ela. É que, assim, não posso apitar para o livre ser executado.

- Ó senhor árbitro – explicou o capitão da equipa visitante, num tom quase suplicante – veja se compreende a situação. Então a gente vem de tão longe fazer um jogo com esta importância, aqui na capital, e não pode ver os golos!

LETRIA, José Jorge (2002). *Histórias de ir à bola*. Porto: Ambar, pp.25-26.

Texto 4

Águia, leão e dragão

Certo dia, no Jardim Zoológico de Lisboa, a águia, o leão e o dragão, uma espécie muito rara vinda das bandas do Norte, decidiram fazer um almoço para discutir aspectos das suas vidas.

Não foi difícil escolher a ementa, pois todos tinham gostos alimentares semelhantes: carne fresca em grande quantidade.

Quem tomou a iniciativa foi o leão, que disse:

- Vocês já devem ter reparado na forma como somos usados nos emblemas. Mas será que alguém nos perguntou alguma coisa e que alguma coisa ganhamos com isso?

A resposta saiu prontamente do bico da águia, que esclareceu:

- Eu, por acaso, até gosto bastante do clube que me usa como símbolo, mas a verdade é que ninguém me perguntou se eu concordava com a utilização da minha imagem.

E o dragão, por seu turno, apressou-se a acrescentar:

- Pois a mim, que até sou uma espécie raríssima e praticamente só possível de encontrar em relatos mitológicos, ninguém me perguntou nada e nem acredito que vá perguntar.

- O que acham então vocês que devemos fazer? – perguntou o leão.

- Proibi-los de usarem a nossa imagem e o nosso nome é difícil – disse a águia. Primeiro porque até já nos habituámos a isso e, depois, porque, como os clubes são muito populares, isso ia virar muita gente contra nós e prejudicar o nosso querido jardim. Portanto, acho que devemos ficar como até agora temos estado, ou seja, sem arranjar grandes problemas.

Mas o dragão, que não estava de acordo com a sugestão da águia, propôs:

- E que tal se exigíssemos aos clubes que passem a apoiar o Jardim Zoológico e as suas espécies mais raras, como é o nosso caso? Sempre seria uma forma de nos compensarem do uso que têm dado à nossa imagem.

- Concordo inteiramente – disse o leão.

- E eu também – acrescentou a águia. – E até digo mais: devemos desde já exigir livres-trânsitos para podermos assistir a todos os jogos e, nos casos em que isso se justificar, tornarmo-nos mesmo sócios de honra dos clubes. É que, já que temos a fama, passamos também a ter o proveito.

E assim terminou o almoço, com todos de acordo, ou, pelo menos, com uma concordância muito maior do que costuma haver entre os clubes que usam, para o melhor ou para o pior, os nomes e as imagens de bichos possantes e corajosos, que simbolizam o seu desejo de vitória.

LETRIA, José Jorge (2002). *Histórias de ir à bola*. Porto: Ambar, p.29.